



### **O Leitor ou a discriminação em razão da iliteracia**

*O Leitor*, livro escrito em 1995 por Bernhard Schlink, e que originou o filme com o mesmo título realizado por Stephen Daldry em 2008, relata-nos uma relação amorosa entre dois alemães, Hanna Schmitz, de trinta e seis anos e Michael Berg, de quinze. Ela pede-lhe que lhe leia um livro durante meia hora sempre que se encontram e ouve-o atentamente. A sua relação dura alguns meses, ao longo dos quais Michael declara ter sido “inteiramente feliz”. Hanna sai da cidade onde ambos residiam, Heiligenberg, no fim do Verão. Michael reencontra-a, alguns anos depois, no tribunal: Hanna é arguida em processo crime pelos actos que terá praticado, enquanto guarda das SS, num campo de concentração. Acusam-na, nomeadamente, de homicídio por omissão: não abriu a porta de uma Igreja, que estava a arder na sequência de um bombardeamento, onde se encontravam presas mulheres judias. Hanna declara que apenas havia cumprido ordens e pergunta, reiteradamente, ao juiz: - “O que teria o Senhor feito no meu lugar?” Acusam-na, igualmente, de seleccionar, no campo de concentração onde trabalhava, prisioneiras particularmente frágeis, e de as obrigar a lerem-lhe livros, antes de as enviar para Auschwitz, onde seriam mortas. Quando o Tribunal lhe propõe a

realização de uma análise à sua caligrafia, para verificar se um relatório que serviria de prova contra si era da sua autoria, Hanna responde: “Não é preciso chamar um perito. Eu admito ser a autora do relatório”. Hanna fá-lo porque prefere correr o risco de ser condenada a prisão perpétua a que o Tribunal descubra que não sabe ler nem escrever.

São múltiplas as questões jurídicas e éticas que o livro suscita. A primeira é a da idade mínima para que haja consentimento válido (porque e enquanto sério e esclarecido) para a prática de actos de natureza sexual. Michael tem quinze anos. A relação que tem com Hanna condiciona-lhe todas as suas ulteriores relações: em todas as mulheres que conhece é Hanna que procura. A situação relatada configura uma situação de abuso sexual de criança? Ou, pelo contrário, Michael está a exercitar livremente a sua autodeterminação sexual e aconteceu, simplesmente, ter sido a relação com Hanna a mais feliz da sua vida? Associada a esta encontra-se a questão de saber se somos livres de amar quem é uma potencial homicida (Michael afirma “se eu não era culpado, na medida em que ninguém pode ser considerado culpado por ter traído uma criminosa, eu era culpado por ter amado uma criminosa”. Em que medida é que as nossas relações com os outros, o nosso olhar sobre eles, é condicionado pela censura inerente a uma condenação penal? Existirão crimes cuja prática seja de tal forma grave que não seja susceptível de perdão e que nos leve a afastarmo-nos irremediavelmente de quem os cometeu?

Outra questão fundamental é a da obediência devida: deveria Hanna cumprir a ordem que lhe fora dada de guardar as prisioneiras ainda que isso implicasse a morte destas, ou, pelo contrário, ser-lhe-ia exigível que não o fizesse? Cessa o dever de obediência sempre que o cumprimento de uma ordem implicar a prática de um crime?

Suscita-se igualmente a questão da aplicação retroactiva da lei penal: pode Hanna ser condenada, na década de sessenta, pela prática de actos na década de quarenta, que não seria punida, naquelas circunstâncias, pelo Direito do III Reich? Ou, ainda, a pergunta, sempre presente, do que é um Direito justo, qual o fim do Direito e em que medida se deve obedecer às “leis não-escritas, perenes, dos deuses”, a um Direito Natural, que, como escreve Sófocles, prevalece sobre o Direito Humano.

Essencial ainda é a questão da iliteracia e da discriminação, tantas vezes negligenciada, nela fundada. Hanna faz uma série de opções ao longo da narrativa fundadas apenas no desejo de ocultar que não sabe ler nem escrever. Michael respeita a autonomia da vontade e dignidade de Hanna quando opta por não revelar ao juiz que ela não poderia ter redigido o relatório porque não dispunha de aptidões para o fazer.

Hanna, enquanto cumpre a pena de prisão a que foi condenada, aprende a ler e a escrever. Mas já é demasiado tarde. Demasiado tarde para Hanna e demasiado tarde para Michael cujo único desejo, após o suicídio de Hanna, é o de, à semelhança de Ulisses, “regressar a casa”. Horas e horas esperaram ambos por um regresso a casa que a sociedade e o Direito que a organiza tornaram impossível.

Talvez o seu amor afinal fosse, como escreveu Eugénio de Andrade, “perfeito como a vida”.